

GISELDA LAPORTA NICOLELIS

Ilustrações

DAISY STARTARI

# ESPELHO MALDITO

*Selecionado para o PNLD-SP 2000/2001*



8ª edição

*Editora:* CLÁUDIA ABELING-SZABO  
*Assistente editorial:* NAIR HITOMI KAYO  
*Suplemento de trabalho:* LUIZ ANTONIO AGUIAR  
*Supervisão de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO  
*Edição de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA  
*Diagramação:* MAURO MOREIRA  
*Produtor gráfico:* ROGÉRIO STRELCIUC  
*Impressão e acabamento:*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nicolelis, Giselda Laporta

Espelho maldito / Giselda Laporta Nicolelis; ilustrações Daisy Startari. — 8. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-07951-9

1. Literatura infantojuvenil I. Startari, Daisy. II. Título. III. Série.

98-2169

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

13ª tiragem, 2019



---

SARAIVA Educação S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP  
[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

Tel.: (0xx11) 4003-3061  
[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

---

Todos os direitos reservados.

CL: 810023  
CAE: 571327

*Gracioso horror surgiu na face bela  
recoberta de signos e tatuagens,  
o rito se cobriu de sopro ardente,  
o bosque em cabeleira, o corpo em dons,  
os espelhos profundos se entreolharam,  
cem voos partiram do estuário,  
setas aladas descerraram o ar  
e o desejo das coisas consumiu-se.*

Jorge de Lima, *Antologia poética*,  
Canto IV — As Aparições.

Para Juliana

que seja feliz,  
aceitando o seu corpo.





**PRIMEIRA PARTE**



Quando foi que começou? Anuska lembra, sim, foi até inocente, aquela história de se achar gorda, resolveu dar um basta. Cansada de ser chamada de “gordinha”, “fofinha”, das brincadeiras das colegas que escondiam comentários pejorativos... E tinha também aquele sonho...

Como um oceano de ondas revoltas, avançando sobre o espetáculo que se desenrola no palco à sua frente, o tempo rola para trás e o passado ressurge...

O regime pretendia ser definitivo, mas era maneiro: não exagerar nos doces, massas, comer mais frutas e verduras. Aliás, um comportamento até saudável, ela que sempre detestou tudo que é verde. A mãe, também veterana de dietas e regimes, aprovou.

Anuska, quinze anos, aluna do primeiro colegial. As colegas, na maioria magras, preocupadíssimas com o peso, a medida da cintura, dos quadris. Malhavam desesperadamente só para ter aqueles corpinhos enxutos. Tinham também aquela mania que ela achava incrível: precisavam deitar na cama para vestir os jeans, porque, de tão justos, só assim o zíper fechava.

Gordos, apenas cinco colegas, incluindo o Zeílton, apelidado de “Bolão”, garoto de quem todos gozavam, como se fosse um Judas oficial. Ele já nem ligava para os comentários maldosos, conformado em ser sempre excluído, tanto no esporte quanto nos grupos de trabalho.

Cleonice e Karina, também participantes da lista maldita, não estavam nem aí, assumidas e ligadíssimas para o que desse e viesse. Caprichavam na simpatia e na exuberância, fazendo jus ao estereótipo: gordas e simpáticas. Como se aceitavam, acabavam também de certa forma aceitas, o que não impedia que, de vez em quando, houvesse comentários do tipo:

— Coitadas, já imaginou quando ficarem grávidas? Os



maridos vão precisar aumentar as portas das casas...

Anuska ouvia e se arrepiava. O que será que falavam dela?

Francine, outra garota do “clube das gordinhas”, não parecia sofrer aquele efeito “sanfona”, ou seja, engorda/emagrece, engorda/emagrece, que ela própria já enfrentara várias vezes. Maldição ou destino, sei lá, depois dos regimes — quando conseguia emagrecer alguns quilos a duras penas —, voltava a engordar. Daí, fazia novo regime e... engordava de novo. Ela se sentia graduada nisso tudo. Até que leu numa revista o tal regime tido como sensacional e resolveu tentar pela última vez. Era até suave, o que, também não custa repetir, deixou Kátia, sua mãe, muito feliz.

Os desejos secretos de Anuska, porém, só ela conhecia: cintura fina, quadris pequenos e seios um pouco maiores, porque voltara a moda do busto opulento. No fundo do seu coração, ardia um sonho há muito tempo acalentado: queria ser modelo, fazer carreira internacional.

Altura, ela tinha de sobra. Dera uma espichada no início da adolescência e agora já atingia um metro e oitenta, pernas compridas de dar gosto. Só que o peso não combinava com a altura, pelo menos no que se esperava de uma modelo. Ela sabia de cor todas as regras: as lentes de vídeos e câmaras fotográficas, por serem bidimensionais, engordam as pessoas em cerca de seis quilos. Então, a candidata deve ser magérrima para se sair bem. Isso significava que ela precisaria emagrecer pelo menos uns dez quilos, e olhe lá, para tornar-se uma modelo badalada e famosa, dessas que aparecem nas revistas e jornais. Ela poderia ser uma delas, por que não?

O caso de Francine, sua melhor amiga, era outro: ela almejava ser bailarina. Tinha aulas de balé, mas evidente que, com aquele corpo, nem podia supor que um dia virasse primeira-bailarina, coisa assim. Ela mesmo comentava que só a aceitavam na academia de balé porque podia pagar a mensalidade. O que não faltava nos vestiários eram os cochichos mal-



dosos. Fora até apelidada de “Garota Disney”, por causa daquelas hipopótamas que dançam no filme *Fantasia*. Pura maldade das colegas que se julgavam superiores por terem corpinhos enxutos.

Solidárias na gordura e na discriminação, Anuska e Francine não se largavam. Viviam juntas, no colégio e fora dele. Derramavam lágrimas de raiva e desespero, incapazes de mudar a situação.

Foram até se consultar com endocrinologistas. No caso de Anuska, o médico foi taxativo: ela herdara um biotipo da mãe e da avó materna, ambas corpulentas e fortes. Maneirando na alimentação e fazendo exercícios, como caminhada e natação, por exemplo, poderia manter um peso limite. Mas jamais seria magra. A genética, no seu caso, falava mais alto.

Quanto à Francine, o caso mudava de figura. Ela se adequava bem ao tipo “gorda ansiosa”, isto é, aquela pessoa que, quando nervosa, come compulsivamente. Como vivia ansiosa, beliscava. Beliscando, engordava e ficava ainda mais ansiosa, o que gerava um círculo vicioso. Ela tinha de aprender a se controlar em relação à comida. Uma terapia a ajudaria bastante.

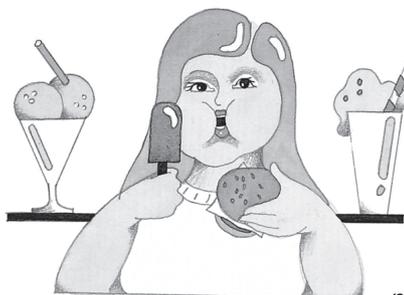
Anuska tentou uma academia, mas era preguiçosa por natureza e não levou a coisa adiante. Francine, por sua vez, recusou-se a fazer a terapia, achando que era exagero do médico. Assim, continuaram tão empacadas no problema quanto velhas mulas que só sabem um caminho para casa e ficam transtornadas quando descobrem que ele está impedido.

Foi aí que surgiu o regime milagroso para Anuska. Quase ao mesmo tempo, por ser alta, foi intimada a fazer parte da equipe de basquete do colégio. Relutante, concordou, no que resultou um exercício inesperado. Bingo! Esporte e dieta conjugados, quase por acaso, fizeram com que ela emagrecesse um pouco!

Por tabela — como se fosse algo contagioso —, Francine parou subitamente de engordar. Mas o suspeito da coisa era que ela não fazia regime; muito pelo contrário, tinha compulsão por comida. Frequentemente, empanturrava-se de doces e salgados,



deixando Anuska atônita. Qual seria o “milagre” que a fazia conservar o peso, apesar de todos os excessos? Conhecendo Francine como conhecia, Anuska percebeu que isso não era normal. Prometeu a si mesma que iria descobrir. Seu instinto lhe dizia que a amiga estava enveredando por perigosos caminhos...



As colegas, por seu turno, continuaram seus cochichos maldosos, a curiosidade açulada ao máximo, como se a magreza ou a obesidade das outras fossem assunto de domínio público e segurança nacional.

## 2 QUEM É ESSA ESTRANHA?

Regime dando certo, Anuska pegou gosto pela coisa. Que prazer se pesar diariamente, nua, antes do banho, e ver o ponteiro da balança descendo, como se com ele despencassem também todas as suas adiposidades, gorduras, celulites e estrias.

Anuska sonhava alto. Simplesmente, não podia se dar ao luxo de comer e engordar como se fosse um animal cevado. Nutria um horror crescente a qualquer tipo de gordura. E agora que conseguira, quase por milagre, reduzir o peso, não iria desistir.

A avó, preocupada, comentou:

— Está ficando tão magrinha, minha querida, você é grande, precisa botar energia no seu corpo... Você está alimentando direito essa menina, Kátia?

— Mais do que eu faço? — indagou a mãe, ela própria mártir dos regimes e dos moderadores de apetite, com terríveis efeitos colaterais, que a deixavam tensa e, às vezes, agres-



siva. — Anuska é que se recusa a comer. Pegou mania de só comer folhas, virou coelho. Parece que nem tem espelho pra ver como está ficando magra...

Espelho!

Sem querer, a mãe cutucara a ferida. Antes, quando estava muito além do seu limite de peso, ela detestava se olhar no espelho, vendo a triste figura refletida. Agora, com o ponteiro da balança descendo a cada dia, a coisa deveria ser diferente.

O estranho é que não era; absolutamente, não era. Quando arriscava uma olhadinha, até estremecia. Sua aparência continuava a mesma: gorda. Como poderia ser, se a balança acusava o contrário?

A maldita devia estar errada. Trocou de balança, uma, duas, três vezes. O ponteiro continuava descendo... Mas, no espelho, ela se via como antigamente. Pior: sob o pescoço, a papada parecia crescer como se lhe pusessem fermento. Os seios, enormes, caídos, um absurdo para a sua pouca idade. As coxas, imensas. A barriga, flácida. Um bumbum aterrador. Era como se, do outro lado, um inimigo a espreitasse, todos os dias, ansioso para lhe ferir, ultrajar.

Começou a evitar se olhar no espelho do banheiro, do quarto, em qualquer um. Fugia de tudo que pudesse refletir a sua imagem: retrovisores de carros, superfícies espelhadas...

Mesmo se pesando diariamente, já não confiava na balança. Um dia, de puro ódio, jogou-a no lixo.

E, no entanto, os comentários sobre a sua magreza extrapolavam os limites caseiros. Várias colegas mexiam com ela:

— Puxa, que legal, você conseguiu mesmo.

— Eu, hein, estou gordíssima!

As colegas se entreolhavam, não entendendo nada. Como podia estar gordíssima, se emagrecia a olhos vistos? Neura, pô!

Ela perguntava à Francine que, muito na dela, preocupada com o próprio corpo, saía pela tangente:

— Olha no espelho; se gostar do que vê, para com o regime; se não, continua...

